

O inescapável consumo de si mesmo - pensando na fabricação dos sujeitos contemporâneos

Existe uma verdadeira indústria em torno da produção de corpos e de desejos sobre os corpos. Moda, estética, cirurgias, adereços e tatuagens são algumas das possíveis intervenções que demonstram o quanto o corpo vem sendo invadido, ressignificado e investigado

Que modos de *estar sendo* sujeito a sociedade contemporânea vem produzindo ao colocar determinados corpos como um objeto a ser incansavelmente buscado e desejado? Ora, a questão levantada, longe de ter uma resposta "única", nos leva a discutir características do tempo presente que, inescapavelmente, nos atingem. Na contemporaneidade, o corpo tem sido alvo de inúmeros investimentos, tornando-se passível de várias intervenções, ou seja, modificações que o transformam, marcam, diferenciam. Existe uma verdadeira indústria em torno da produção de corpos e de desejos sobre os corpos. Moda, estética, cirurgias, adereços e tatuagens são algumas das possíveis intervenções que demonstram o quanto o corpo vem sendo invadido, ressignificado e investigado. Outro exemplo pode vir da percepção de que nos mais variados espaços sociais as discussões estabelecidas giram em torno de uma "preocupação consigo mesmo", ou seja, os sujeitos contemporâneos são assolados por anseios que envolvem as suas vidas individuais através de aspectos relacionados ao corpo e aos modos de torná-lo mais desejado, *sexy*, bonito, jovial, produtivo.... Essas são preocupações que parecem balizar as relações dos sujeitos consigo mesmo e com os demais (em detrimento das questões de ordem mais coletiva). Com isso, os laços de união e afeto giram em torno de uma, ao menos suposta, superficialidade que invade todos os recantos de nossa existência, já que há sempre algo novo, ou um outro modo de *parecer ser*, a ser perseguido por sujeitos individuais.

A fabricação constante de novos desejos a serem infinitamente buscados nos leva a pensar que num mundo das visibilidades, em que você só parece fazer sentido, existir, se está exposto, o corpo se torna um *slogan* e passaporte para a felicidade porque não é mais a "alma" que precisa ser trabalhada, melhorada, mas o corpo que, por ser visto, passa a necessitar de intervenções para ser melhor apreciado. Essa é uma tendência contemporânea – "transformar todas as partes do corpo em imagens de marca e num *marketing* privilegiado do eu. Por conseguinte, o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado? (Sant'Anna, 2002, p.106). Importante salientar, aqui, as transformações que vêm ocorrendo sobre o que significa cuidar de si, do "eu?". Michel Foucault demonstrou, no livro *Hermenêutica do Sujeito* (2004), as modificações, para os gregos, sobre o que é o si. Mostrou que em um determinado período, o eu era tido como a alma, e por isso cuidar de si era ocupar-se com a própria alma, tendo como finalidade qualificá-la a fim de poder governar os outros, a cidade. Já nos séculos I e II d.C, cuidar de si passou a ser cuidar tanto da alma quanto do corpo, pois ambos estariam conectados e tendo a mesma importância. Queremos, no entanto, nos situar no tempo presente – será que a "alma" importa atualmente? Tudo indica que para muitas pessoas não, que o que mais importa é o corpo, pois cuidar deste novo "templo" seria, de acordo com Sant'Anna (2002), a melhor forma de cuidar de si mesmo, de afirmar-se e ser feliz. Isso evidencia a generalização do corpo como o lugar privilegiado do "cuidado de si", pois em nosso tempo o corpo vem se tornando central e serve como um novo marcador social.

As questões levantadas são importantes para mostrar que não consumimos apenas os objetos em sua materialidade. Mesmo quando compramos tinturas para cabelo, roupas da moda, acessórios, adereços, fazemos tatuagens, colocamos *piercings*, adquirimos produtos *light* e *diet*, entre outras coisas, estamos, no limite, consumindo nosso próprio corpo. Estamos, irremediavelmente, enredados nas tramas que nos "habilitam" para o consumo de tudo, inclusive de nós. Engana-se quem pensa, portanto, que há somente objetos materiais a serem consumidos, produtos que movimentam *capitalisticamente* o mundo. Mais do que a moderna separação entre "um sujeito consumidor e um objeto consumido" (Homem, 2003, p.03), notamos que nos atuais tempos o próprio sujeito se torna um objeto de consumo, aperfeiçoando-se continuamente e respondendo afirmativamente aos apelos e desejos que são, infinitamente, criados pela sociedade do espetáculo e do consumo. Nesse sentido, vale a pena deixar ressoar... infinitamente... a pergunta: "como estamos nos transformando no que somos?"

Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 680p.
- HOMEM, Maria Lucia. Entre próteses e prozacs. O sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. *Estados Gerais Da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*. Rio de Janeiro, 2003.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.99 - 110.